

Estou escrevendo isto sob condições extremas. Devo concentrar-me sobre cada palavra para que articule meus próprios pensamentos, e não os de algum poder alheio. Mas devo emprender tal esforço sobre-humano. Se alguém vir a lêr estas linhas, (o que desejo ardentemente), compreenderá a urgência desesperada que sinto para comunicar a experiência pela qual estou passando. Creio que tal relato é a única esperança para que a humanidade sobreviva.

A melhor forma de fazer a reportagem é, creio, descrever o ocorrido em termos simples e evitar, na medida do possível, as intrincadas implicações zoológicas que estão envolvidas. Desde menino as formigas me fascinavam. Atraía-me o seu comportamento individual caótico e coletivo ordenado. E a imensa vitalidade e atividade que irradiam. Repulsava-me a sua anatomia que eu projetava a dimensões do corpo humano. Não me cansava em observar as colunas que formam, como organizam o transporte de cargas, e a arquitetura do formigueiro, dentro da qual abrigam aqueles vermes nojentos que são seus filhotes. Mas o que mais prendia minha atenção era a maneira como se comunicavam entre si: os toques rápidos e nervosos de suas antenas. Não o que comunicavam me fascinava, mas como o faziam. Devo ter-me decidido cedo a dedicar minha vida ao seu estudo.

Minha intuição infantil do mistério da formiga foi mais que confirmada pelo que aprendi a seu respeito. Parece que representam ramo da evolução que aponta em direção inteiramente diferente da apontada pelos vertebrados. Como se a vida tivesse tido duas escolhas de métodos para conquistar a matéria pelo espírito: o método do esqueleto interno, e o da armadura externa. A vantagem do primeiro método é que resulta em organismos grandes com cérebros absolutamente grandes. A vantagem do segundo método é que resulta em organismos com cérebros absolutamente pequenos, mas muito maiores com relação ao seu organismo. Absolutamente os vertebrados são mais espirituais que os insetos, mas relativamente os insetos são os seres mais espiritualizados. Por isto a luta entre vertebrados e insetos pelo domínio da Terra continuava indecisa até o momento no qual estou escrevendo estas linhas. (Embora, ingenuamente, e devida ao seu tamanho, o homem sempre acreditava estar governando.)

Mas isto não é tudo. Em vários gêneros de insetos, e especialmente nos hymenóptera, a vida deu salto dialético de quantidade em qualidade, e superou assim a limitação de tamanho imposta ao corpo do inseto. Gracias ao salto o organismo individual passa a ser órgão de um super-organismo: o formigueiro ou a colmeia. Isto não foi o primeiro salto dado pela vida. Outro foi dado quando os protozoa passaram a células de um organismo multicelular, e assim se sincronizaram. Isto implica que a comunicação entre formigas não deve ser comparada à comunicação intra-humana, mas ao metabolismo dentro do corpo humano. Mas, obviamente, tal comparação não se sustenta. O formi-

VILÉM FLUSSER

gueiro é sistema em nível superior ao nível do organismo, de maneira que os processos que o articulam são mais espirituais que os que regem nosso corpo. (Atenção: não tenho certeza que, ao dizer isto, estou realmente falando eu.)

Quando iniciei meus estudos no departamento de zoologia da minha universidade, concentrei-me, é óbvio, sobre a comunicação entre formigas. E foi o seguinte fenômeno que mais me impressionou entre todos: formigas formam bolas com sua comida, mastigam-as, enfiam nas bocas de outras que as mastigam por sua vez e passam a outras, até que as bolas tivessem passado por todos os participantes do formigueiro. As bolas e a saliva transmitem determinadas informações que destarte passam a serem disponíveis ao formigueiro todo. O formigueiro passa a ser memória coletiva. Pois conforme vim a descobrir mais tarde, nas minhas experiências com "bibliophagus", tais informações bio-químicas podem penetrar a informação genética e são destarte armazenadas de geração a geração dos participantes do formigueiro.

Devo agora dizer algumas palavras a respeito de "bibliophagus". É espécie rara dos hymenóptera, e sua posição dentro da ordem ainda não está perfeitamente estabelecida. É encontrada exclusivamente em bibliotecas aonde se nutre de páginas de livros. Nenhum espécimen tem sido encontrado na natureza. Devemos pois supor que a espécie se originou depois da invenção da escrita, talvez por mutação da formiga comum vermelha. Mas sua anatomia se distingue da da formiga pelo tamanho enorme de suas antenas: vinte vezes o comprimento do corpo. Usa as suas antenas para apalpar as páginas que come, (como se as lesse), e para enrolar-se nelas, quando formam espécie de capa protetora. Supõe-se que bibliophagus vive em tribos semelhantes a formigueiros, mas nenhuma tribo foi localizada até o presente. Histórias afirmando que tais tribos estão localizadas nos arquivos super-secretos dos Ministérios da Segurança Pública devem ser descontadas como sendo fantasiosas.

Bibliophagus passou a ser objeto dos meus estudos da seguinte maneira: um dia, quando consultava várias obras de zoologia na biblioteca da universidade, reparei em Bíblia extraordinariamente bela do século 18. Levantei, tirei-a da estante, e abri ao acaso na página da Genesis que relata a criação do homem. Lá encontrei um bibliophagus que "lia" a página com suas antenas. Como se trata de acontecimento raro, parei para observá-lo. E o bibliophagus fez outro tanto. Parou sua "leitura" e esticou as antenas em direção do meu dedo. Com cuidado avancei a ponta do dedo para permitir ao bibliophagus de apalpá-la. De fato, as antenas passaram a explorar meu dedo, mas, repentinamente, mudaram de comportamento. Iniciaram, vagorosamente, mas em ritmo rapidamente acelerado, uma espécie de dança sobre o meu dedo. Devo tentar descrever o mais friamente possível o efeito tremendo e infernal que isto teve sobre mim.

VILÉM FLUSSER

Tôdo o meu ser se concentrou sôbre a ponta do meu dedo. Meu corpo ficou paralizado como em transe, mas sentia o suor que corrêa pela minha frente. A sensação dominante foi a que algo estava penetrando meu corpo pela ponta do meu dedo, algo que, por falta de termo mais apropriado, chamarei de "mensagem". Tal mensagem era um ritmo, e meu corpo passou a vibrar em simpatia com tal ritmo. Eu nunca tinha presenciado um ritmo semelhante, mas sob análise posterior evoquei os ritmos de certas tragédias de Sóphocles, e de certas ragas da noite. Pois embora meu corpo tôdo vibrasse com este ritmo, senti claramente que o centro da vibração se concentrava no meu cérebro e de lá se irradiava. Tinha-me transformado em espécie de tambor com meu cérebro por centro. A experiência era altamente prazerosa, no sentido de simultâneamente bela e orgástica, e tinha intensidade jamais antes por mim vivenciada. Mas era acompanhada de sensação vaga de degradação depravada.

Consegui, (não sei como), romper o encanto e retirei o dedo. Bibliophagus parou imediatamente, e levantou suas antenas verticalmente. Tirei do bolso pequeno microscópio que sempre tenho comigo para eventuais observações, e procurei focalizar bibliophagus. Este mudou de posição na página, deslocou-se para lugar melhor iluminado, e não pude escapar à impressão que passou a exhibir-me uma após outra das suas características anatómicas para eu poder observá-las. Peguei meu caderno para fazer alguns esboços do observado, e passei a trabalho sério de observação disciplinada. Desviei o olhar do microscópio para desenhar certas saliências curiosas no tórax de bibliophagus, e quando retornei ao microscópio, verifiquei que a página tinha sido abandonada. Bibliophagus tinha desaparecido, e não o encontrei nem na Bíblia nem nas redondezas.

Tal experiência me deixou exausto, mas decidido a renová-la. Embora me dissesse que meu interesse era científico e que queria fazer meu trabalho de doutoramento sobre bibliophagus, no fundo sabia que minha motivação era bem diferente. Mas tôdos meus esforços de reencontrar "meu" bibliophagus resultavam frustrados. ("Meu" é fação de parler, já que hymenóptera não têm individualidade, e um individuo substitui perfeitamente outro.) Mas uma noite, em casa, quando lia a "Evolução criadora" de Bergson, (sempre me interessei por filosofia e creio que tôdo zóologo sério deve fazê-lo), lá estava o bibliofágus me esperando. Não descreverei a experiência que se seguiu, nem as numerosas seguintes, porque tôdas elas obedeciam ao padrão da descrita. Mas o que devo relatar é o fato que nunca consegui encontrar bibliofágus deliberadamente. Quando o encontrei, foi sempre da forma descrita. Primeiro pensei que se trata de acaso. Mais tarde descobri a regra que estruturava meus encontros. Bibliofágus aparecia em função dos assuntos da minha leitura. Na primeira fase era encontradiço em livros de filosofia da tendência vitalista. Na segunda fase em livros de cibernética, na terceira em livros de teoria de comunicação, na quarta em livros de teologia. Ao descobrir tal

VILÉM FLUSSER

regra, adaptei-me a ela, de forma que bibliophagus "dirigia" minha leitura. Mas na fase atual tudo isto deixou de contar, a situação agora é outra.

Meus "diálogos" com bibliophagus mudavam lentamente, mas perceptivelmente, no que tange o impacto que sobre mim tiveram. Sem jamais perderem a sua dimensão inicial estética e libidinosa, (sempre conservaram o seu caráter de música e coito), adquiriam dimensão nôva que chamarei de "captação intelectual da mensagem". Não no sentido de eu lêr os movimentos das antenas como se fossem sinais de um código, como no caso Morse. Mas como se meu intelecto estivesse ligado ao intelecto do bibliofágos de forma que eu pudesse perceber os seus pensamentos "para-psicológicamente", (embora tal transmissão de pensamentos tivesse base neurológica perfeitamente explicável.) Mas cedo verifiquei que os pensamentos de bibliophagus eram excessivamente estranhos e nebulosos para eu poder absorvê-los. Suspeitei que a culpa da obscuridade da recepção da mensagem estava na maneira rudimentar pela qual bibliophagus e eu comunicávamos. Por isto decidi melhorá-la. Embora não não saiba, obviamente, quem o decidiu, se eu, ou bibliophagus, ou nós.

Sob pretexto que não interessa relatar convenci um colega do departamento de anatomia de fazer trepanação do meu crânio, introduzir pããa brecha minúscula cápsula, e implantá-la na minha massa cinzenta. A cápsula contém bibliophagus. Agora ele vive dentro de meu cérebro, e estamos em contacto intelectual imediato. Agora ele martela os seus pensamentos diretamente dentro do meu cérebro, e eu recebo sua mensagem sem ruídos perturbadores. As vivências estéticas e libidinosas pelas quais passo agora são de intensidade quase insuportável, mas descobrimos um método de racionar a sua frequência, de modo que tenho longos momentos de descanso. Estou aproveitando um de tais momentos para escrever estas linhas. Mas o que mudou radicalmente graças à operação foi a clareza da recepção da mensagem. Procurarei transmitir-la.

A espécie bibliophagus é a mais desenvolvida e a mais recente da história da evolução da vida. Vive em simbiose estreita com a espécie "Homo sapiens" da seguinte maneira: nutre-se de livros, lê todos os livros, armazena todas as informações contidas em todos os livros, e incorpora tais informações na informação genética da espécie bibliophagus. De forma que Homo sapiens é para bibliophagus órgão de busca de alimento e de informação, e bibliophagus é para Homo sapiens memória coletiva e hereditária. Mas isto não passa de primeiro estágio rudimentar da colaboração simbiótica entre as duas espécies mais avançadas. A evolução vital está prestes a dar nôvo "grande salto para frente", e eu fui escolhido a servir de instrumento para tanto. Tornou-se necessário e possível sincronizar as duas espécies mais perfeitamente. Necessário, porque há discrepância perigosa entre a maneira humana e bibliophágica de organizar as informações recolhidas. É possível.

VILÉM FLUSSER

porque existem atualmente métodos para ligar dois indivíduos das duas espécies em simbiose mais significativa. (Novamente não sei quem de nos dois está pensando o que escrevi nas últimas sentenças.)

A discrepância entre a mentalidade humana e bibliophágica se deve a um defeito do cérebro humano o qual é, se comparado com o bibliophágico, brgão primitivo. É o defeito que leva homens a fazerem juízos de valores. É claro que homens são capazes de juízos formais e portanto sabem que juízos de valor não passam de erros de sintaxe. Mas os homens são fisiologicamente incapazes de eliminar tais juízos. Este é o seu "pecado original", (tal distinção entre o bem e o mal), mas embora o saibam, não podem evitar "engajar-se em causas". Mas o cérebro bibliophágico desconhece juízos de valor, e funciona portanto mais adequadamente. Em compensação, o organismo de bibliophagus é pequeno demais para poder traduzir os modelos assim elaborados intelectualmente na praxis. Sómente depois da ligação direta entre cérebro bibliophágico e corpo humano será possível conquistar a matéria pelo espírito de uma forma efetiva.

A deformação especificamente humana em direção da ética ameaça a espécie humana de extinção imediata. Leva a guerras que se tornaram destruidoras. Porque leva a engajamentos. Como a destruição de Homo sapiens também bibliophagus estaria destruído. Mas a catástrofe será evitada pela nôva simbiose entre as duas espécies, e uma era nôva de felicidade para as duas espécies está surgindo. Cada homem terá seu bibliophagus no cérebro, e cada bibliophagus terá seu homem. Todos os homens terão as periódicas vivências libidinosas e estéticas que eu estou tendo, serão felizes. E nas pausas farão pesquisas científicas, isto é: fornecerão dados ao seu bibliophagus. Este elaborará modelos adequados para serem aplicados na praxis humana. O mundo se transformará em lugar digno para a vida tanto dos homens como dos bibliophagi. Uma era de paz, beleza, prazer, conhecimento e trabalho criador sem paralelo terá sido inaugurada. A evolução vital terá alcançado nôvo nível, o espírito terá nôvos triunfos.

Sem dúvida: quem falou agora era bibliophagus. E a coisa mais terrivel é que não posso negar a veracidade daquilo que ele está dizendo. Será que não o posso porque ele me possui tão totalmente? Ou será que meu defeito ético especificamente humano se rebela irracionalmente contra a sua mensagem? E por quê será que bibliophagus está permitindo que eu escreva estas linhas, inclusive as dúvidas que estou articulando? Pode o leitor (humano) destas linhas ajudar-me? Ou ajudar-se a si mesmo? O meu Deus.